

lapsesus

Número 14

Publicação dos
Associados do IPB

EDITORIAL

Inicia-se mais um ano para o Instituto de Psicanálise da Bahia e, é no momento de abertura das atividades, que lançamos o mais novo número da Lapsus. Um detalhe, entretanto, não podemos deixar escapar: passamos da nomeação de uma publicação do IPB para uma publicação dos associados do IPB. O que muda?

"O Instituto é o agulhão da Escola", nos lembra Maria Luiza Rangel da tese milleriana. Nesta direção, o instituto é o dispositivo da ponta, que põe o discurso psicanalítico na cidade. Embasados não na suposição, mas na exposição do saber, em sua vertente de pesquisa e tratamento, os institutos não possuem membros votados. Aqui, "o saber está no comando".

Em 2005, quando feita uma reforma no Estatuto do IPB-BA, foi destacada a possibilidade e o modo de admissão de "alunos associados". Deste documento, destacamos uma passagem que nos interessa: "O Instituto de Psicanálise da Bahia é uma Associação [...] com personalidade distinta dos seus associados".

É enquanto publicação de associados, que demarcamos a nossa diferenciação: Lapsus não se faz membro do Instituto, mas se associa a ele na intenção de creditar e divulgar o trabalho que vem sendo realizado pelos alunos associados ao IPB.

Convidamos mais uma vez aos colegas, associados e interessados, a colaborar com o crescimento desta publicação que completa seu quarto ano de circulação. Hoje, Lapsus pode ser acessada por página na web e em lista de email. No troçoço

do tempo, como num lapso, novas brechas se abrem para que suas palavras ressoem.

Esta edição se dedica a XIV Jornada do IPB, *Clínica Lacaniana: uma orientação ao real*, realizada ao final de 2013. Subvertendo a ordem, começamos pelo discurso de encerramento, de Maria Luiza Rangel, em que a Presidente do Conselho do IPB fundamenta a existência dos institutos, esclarecendo a sua relação com a Escola. Evidenciando a substância da escrita dos associados do IPB, trazemos os trabalhos de Joaquim Carvalho, Iago Sampaio e Ordália Junqueira, apresentados em mesas da Jornada. Iago Sampaio, Júlia Solano e Wilker França tecem comentários sobre a conferência Carmen Cervalatti e Manoel de Barros arremata a edição com sua *incompletude*.

Boa leitura!

Rogério Barros e Daniela Araújo

SUMÁRIO

TEXTOS	4
Instituto, agulhão da Escola	4
Maria Luiza Rangel	
Sintoma(s)	10
Joaquim Carvalho	
Topologia e Psicanálise	13
Iago Sampaio	
A formação analítica hoje, uma orientação ao real	15
Ordália Junqueira	
Comentários sobre conferência de Carmen Covelatti “Um Real ancorado”	17
Iago Sampaio, Júlia Solano, Wilker França	
POESIA	19
A maior riqueza do homem é sua incompletude	19
Manoel de Barros	

Instituto, agulhão da Escola

Maria Luiza Rangel

J.-A. Miller inicia seu conhecido texto "Tese sobre os institutos¹" com uma expressão esclarecedora: "Nosso ponto de partida é o seguinte: "O Instituto não é a Escola (...). O Instituto é o agulhão da Escola".

Por que o binário Escola e Instituto? De que se encarrega cada um, se ambos visam dar conta da formação do analista? Se tudo começou com Freud, que tem o fundador da psicanálise a ver com isso? Buscar responder a tais indagações são constituintes também da formação do psicanalista neste campo que nos orienta: o campo aberto por Freud.

A herança institucional deixada por Freud foram as sociedades analíticas que terminaram por tomar historicamente uma direção que é então questionada por Lacan. Ele escolhe romper com a psicanálise vigente (a IPA) então sob a principal égide de Ana Freud e funda a Escola Francesa de Psicanálise (Ato de fundação-1971) ²

Mas a Escola fundada por Lacan só se engajará na história psicanalítica enquanto formação analítica em sua contra-experiência, pois a experiência institucional inaugural é dissolvida por ele mesmo em 1980 (Carta de Dissolução)³. Esta nova Escola, fundada na França, a Escola da Causa Freudiana fornecerá a conjuntura política, ética e clínica necessárias ao desenvolvimento daquilo que hoje é a Associação Mundial de

¹ MILLER, J.-A. Tese sobre os Institutos. Disponível em www.ebp.org.br. Acesso em 14/11/2013. Publicado em *Almanaque*. Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais.vol.1.novembro.1998

² LACAN, J. Ato de Fundação In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p..235

³ Idem. P.237

Psicanálise (AMP), atualmente com oito Escolas ao redor do mundo.

Alguns outros desenvolvimentos foram realizados merecendo ser aqui evocadas⁴. A fundação, por Lacan, do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris-VIII e a anexação, por Miller, com o apoio de Lacan, da Seção Clínica (1977), tendo por objetivo um ensino que pudesse corresponder a uma definição lacaniana da clínica e estabelecer conexões, comportando entrevistas, curso e uma prática de apresentação de enfermos. A criação, por Lacan, da Fundação do Campo Freudiano (1979), abriu um espaço diferente daquele da instituição analítica e daquele da universidade para a difusão da psicanálise. Por fim, a fundação, por Miller, do Instituto do Campo Freudiano (1979) para desenvolver a tarefa de ensino e investigação da psicanálise levando-a outros países.

Neste contexto de evolução é interessante ordenar demarcando os campos a partir de duas vertentes: Instituto e Escola.

A Escola é uma instituição analítica e o Instituto é uma instituição para - universitária. O Instituto é um espaço diferente que se cria, além da Escola, para a formação do analista.

Miller criou o Instituto sustentado na mesma necessidade que levou Lacan em 1976 a renovar o Departamento de Psicanálise (da Universidade de Paris VIII) a fim de, cita Lacan, "estimular sua Escola, servi-lhe de *aguilhão*". Isso é necessário porque o discurso analítico, com a suposição de saber que o suporta, tende a fechar-se sobre si mesmo, autodestraindo-se quando não confrontado com outro discurso. Por isso é necessário um lugar a partir do qual o saber

⁴ Adotamos aqui a organização dada por BARRETO, F. Paes- O Instituto e a Escola. In: *Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental*. Disponível em www.ebp.org.com.br Acesso em 14/11/2013

exposto venha lhe "fazer barra". O Instituto é esse lugar. Ele introduz e põe à prova da demonstração acadêmica o saber produzido pela via universitária.

Então, a existência da psicanálise no mundo, se tem sido desde Freud assegurada pelas instituições analíticas, com Lacan ganha relevância com o surgimento de sua Escola e seus suportes institucionais. E o Instituto é um deles.

Então, nos pressupostos da Escola de Lacan, seus princípios e seu conceito está imbricada a proposta lacaniana de que "não há psicanalista sem Escola", cumprindo a Escola papel fundamental na formação do psicanalista. E o Instituto é seu agulhão. O dicionário define agulhão como a ponta de ferro fixada numa das extremidades de uma vara para conduzir; designação comum de ferrão; tudo aquilo que incita a agir, estímulo. Portanto, podemos dizer que o papel do Instituto é estimular a Escola podendo funcionar como um poderoso agulhão.

A Escola de Lacan como conceito e como instituição psicanalítica encontra suas razões epistêmicas⁵ no documento "Ato de Fundação da Escola Freudiana de Paris" de 1964; as razões clínicas⁶ na "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola"; e as razões políticas, enunciadas na "Carta de Dissolução", de 1980. Estes textos revelam as vicissitudes da trajetória institucional que terminaram culminando na criação da AMP em 1995.

Na Proposição... Lacan estabelece seu postulado fundamental em relação ao psicanalista formado em sua Escola:

⁵ ZRUM, Mirta. **A Escola de Lacan e a formação do psicanalista** In: Revista eletrônica do Núcleo Sephora.Volume2.nº 4 maio de 2007. Disponível em www.isepol.com/assephalus/numero04artigo07htm . Acesso em 5/11/2013

⁶ Idem. P.3

O analista se autoriza por si mesmo. (...) Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação. Ele pode fazê-lo, por sua própria iniciativa. E o analista pode querer essa garantia, o que, por conseguinte, só faz ir mais além: tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista da própria experiência. (...) "Que a Escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa, portanto, está estabelecido. Pode fazê-lo e, portanto, deve fazê-lo"⁷.

É no texto fundante, O Ato de fundação⁸ da Escola que encontramos as razões para abordar tanto a Escola como estrutura institucional, como a Escola de Lacan como experiência conceitual. Para melhor entender isto fazemos uma breve retrospectiva. Para sua Escola, a Escola Freudiana de Paris, Lacan concebeu 3 seções: 1. A Seção de Psicanálise Pura, que se encarregaria da doutrina da psicanálise pura e da sua práxis como formação (psicanálise didática), bem como da supervisão (controle); 2- A Seção de Psicanálise Aplicada que se encarregaria da articulação da psicanálise com projetos, na qual estaria compreendido o tratamento, tais como os da área médica e psiquiátrica. 3- A Seção de Recenseamento do Campo Freudiano na qual estariam compreendidas três subseções: o comentário do movimento psicanalítico, articulações com ciências afins (conexões) e ética da psicanálise, ou seja, a práxis de sua teoria.

Vale dizer que esse formato serviu de referência para as experiências de Escola que se seguiram.

Nesse momento, Lacan priorizou o "trabalho": introduziu o cartel como o órgão de base, falou de "transferência de trabalho" e de "trabalhadores decididos".

⁷ LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro Jorge Zahar. p. 248

⁸ LACAN, J. Ato de Fundação. In: *Outros escritos Op.cit.* p.235

Para a Escola ele tomou como objetivo o que Lacan havia proposto para a seção de Psicanálise Pura. Contando com dois dispositivos fundamentais, por meio do cartel ela busca dar conta da pergunta "O que é a Psicanálise?" e por meio do passe ele procura responder à outra pergunta "O que o analista?". A Escola é onde circula a concepção já mencionada de que não "não há analista sem Escola" que se sustenta em algumas premissas: só há um fim de análise quando existe a nomeação do objeto da entrada em análise, quando se dá a travessia da fantasia e a identificação ao *sinthome*; só há analista quando a Escola por meio do dispositivo do passe garante a sua existência⁹.

A formação do psicanalista demanda, portanto, um desafio teórico, científico e clínico que o ensino de Lacan elevou ao grau máximo de exigência intelectual.

Ao Instituto corresponde a Seção de Psicanálise Aplicada que se encarregaria da articulação da psicanálise com projetos de tratamento, tais como os da área médica e psiquiátrica. Ai o talento predomina assim como o trabalho teórico, a competência intelectual, a pesquisa.

Mas o Instituto é, sobretudo, o lugar do saber exposto, o saber que se contrapõe ao saber suposto do analista. Se a Escola é uma associação regida por leis, ela tem membros; seus membros tem direitos; para que esses direitos sejam compatíveis entre si, a suposição de saber é votada, valendo um voto tanto quanto outro. O instituto não é uma associação, não tem membros; o saber está no cargo do comando; um voto não vale outro. Diz Miller: "O Instituto, eu o inventei a fim de prosseguir, na França e alhures, nesta via que é a de Lacan"¹⁰.

⁹ MILLER, J.-A. Tese sobre os Institutos. Op. Cit.

¹⁰ MILLER, J.- *Idem*

Entre Escola e Instituto deve haver tanto intervalo como articulação. A oposição entre ele estabelece certa tensão entre saber suposto e saber suposto, como já fizemos referência, entre trabalho de transferência e transferência de trabalho, entre o particular e o matema, entre psicanálise em intensão e psicanálise em extensão, sem que se possa restringir cada um desses aspectos a um ou a outro. Como costuma dizer Bernardino Horne,¹¹ na Escola a intensão aponta para a extensão, e no Instituto a extensão aponta para a intensão.

Segundo uma formulação do psicanalista argentino Germán Garcia, que tem se revelado fecunda, “da cidade dos analistas se encarrega a Escola; ao Instituto interessa os analistas na cidade”.

Em nossa realidade, tenho podido testemunhar que o Instituto de Psicanálise da Bahia- IPB tem funcionado em 2013, de forma forte e vigorosa, e, em relação à Seção Bahia, vem atuando como como um poderoso agulhão.

O programa de 2013 contemplou diversas atividades nas principais frentes de trabalho, configurando-se como um instrumento determinante para a ação lacaniana na *pólis* onde analistas vem encontrando recursos para sua formação em diversos aspectos.

Trata-se de um espaço privilegiado onde predominam a investigação e a transferência.

São as seguintes as atividades:

Curso Regular em quatro módulos;

Curso de Pós-graduação *lato Sensu* denominado Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana, Seção Clínica;

¹¹ HORNE, B. Psicanalista, AME da Escola Brasileira de Psicanálise. EBP-BA

Núcleos de Investigação: Psicanálise e Psicose, Psicanálise e Feminino, Psicanálise e Criança-Carrossel, Toxicomania, Topologia Clínica.

Publicação on-line- *Lapsus*.

Além disso, contou com a Parceria Institucional com o CEPP-Centro de estudos Psicanalíticos do Piauí e um Boletim Informativo.

Privilegia uma lógica de articulação com a Seção Bahia, particularmente com o Seminário de Formação Permanente, o que possivelmente teria levado O Curso de Especialização a propor modificações em sua estrutura curricular, iniciando agora o ensino pelo último Lacan, o que dá inclusive título à Jornada deste ano: Uma orientação ao real.

O sucesso dessas nossas Jornadas de hoje revela o êxito no em que se reverteu a medida de realizar as Jornadas do IPB-2013 separadamente da EBP-BA, medida capaz de denotar que já é possível a identificação e delimitação de um "corpus" teórico-prático transmissível no IPB bem como um substrato acadêmico perfeitamente identificável como próprio.

Aguardamos que o ano de 2014 traga mais realizações!

Obrigada!

SSA, 14 de dezembro de 2013

Sintoma(s)

Joaquim Carvalho

Ao ascender ao gozo como tal, o corpo alterado por este precisa lidar com o contingente. Esse lidar comporta total exclusão de saber no sentido de poder ser analisável. Como se

analisa o que desde muito precoce é "o termo que representa resposta do sujeito com relação à questão do gozo"? (SKRIABINE, 2013, p. 20) De forma prática já estamos no campo da impossibilidade.

Todo o processo de lidar com o acontecimento e surgimento de lalanguê, como situa Lacan, "deixa traços (...) [e] consequências que não são nada além que o sintoma [sinthome]." (LACAN, 1978) Traços e consequências essas que dão enodamento aos registros do real, simbólico e imaginário.

Se o sinthoma é o que repara a cadeia borromeana (LACAN, 2007, pg. 90) e Lacan nos fala que o mesmo, no que ele é, é um acontecimento de corpo (LACAN, 1976/2003), podemos apreendê-lo como característica mais singular do sujeito, marca real, que surge no mais primitivo acontecimento no tempo de um corpo vivo humano. (SKRIABINE, 2013)

Indo além. Se o sinthoma surge na encarnação do significante Um no corpo e tem como função reparar a cadeia borromeana, supõe-se, de fato, que a cadeia esteja sempre por disjunta. O que nos desperta para um paradigma de que o que surge primeiro: O sinthoma ou o lapso? Já que o lapso está por estrutura instalado na disjunção primeva da cadeia. Não é que o sinthoma advêm a fim de enodar o que algum dia foi amarrado e depois por desgraça vem a cair em lapso.

Assim, a concepção de sinthoma como conserto do que está estruturalmente errado cai em derrocada porque o que, de fato, o sinthoma vem a fazer é dar consistência à realidade como tal para o ainda bolo de carne humano. O próprio Lacan o coloca como sinônimo de realidade psíquica. (LACAN, 1976/2007)

Retornemos à concepção de sinthoma como o modo singular de gozar de cada sujeito. Gozar de uma forma é não gozar de outra, já que o processo de sinthomatização deixa traços e consequências inalisáveis e irreversíveis. Não poder algo, não poder funcionar de determinada maneira é instalar a

possibilidade de em algum momento não conseguir lidar com determinado acontecimento. Não poder funcionar de outra maneira que não a sua, não poder gozar de outra maneira que não a do seu sintoma.

Pode ser a aparição de um sintoma freudiano? Sintoma entendido como detentor de um saber e redutível ao processo de ciframento. Não é que um sintoma, um lapso, abra campo para o nó do conector sintomático, e sim o contrário. O sintoma nos permite advir como sujeito que goza de uma forma e suporta isso dentro da realidade psíquica, porém nos limita de alguma forma. O conector aponta o lapso e vice-versa.

Claramente, o sintoma analisável não é algo diferente do sintoma. Surge como derivado do mesmo, porém, com uma parcela de gozo que escapa ao enodamento sintomático.

Fala-se: o sintoma difere do sintoma. Porém coexistem no mesmo S1. Não a toa que Lacan denominou o quarto nó que enoda o seu nó borromeano como sintoma e não como outra coisa.

Referências

- Lacan, J.- Joyce , o sintoma. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- Lacan, J. - Joyce, o sintoma. In: O Seminário, Livro XXIII, O Sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Lacan, J. - O Seminário, Livro XXIII, O Sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Lacan, J. - O Seminário, Livro XXV, Momento de Concluir. Lição de 10 de Janeiro de 1978. Texto estabelecido e traduzido por Jairo Gerbase em 03.04.00. Trabalho inédito.
- Skriabine, P. - Do sintoma ao sintoma. In: @gente Digital n° 8, Abril de 2013.

No curso do seu ensino, Lacan relacionou topologia e psicanálise como um meio de construir algum tipo de suporte que viabilizasse o entendimento e a sistematização de suas descobertas teóricas e clínicas (LAFONT, 1986; SKRIABINE, 1993;2013).

A topologia é o estudo dos espaços e de suas propriedades. Ocupa-se da relação entre um objeto, com seus movimentos e deslocamentos, e o espaço. O espaço é estruturado a partir dessa relação, que o torna materializável - se há objeto, há também aquilo que não é o objeto, há o espaço. Baseado nas contribuições de Philippe Courrèges e Lévi-Strauss, Lafont demonstra que a noção de espaço em questão se identifica à noção de estrutura nas ciências humanas, logo a topologia é o estudo da estrutura (LAFONT, 1986).

A clínica psicanalítica opera com a estrutura. A estrutura concerne ao falasser, é aquilo que dá conta dessa tomada de corpo vivo no simbólico; é a forma na qual se articulam o sujeito, o Outro e o objeto; onde se conjugam linguagem e gozo. É ainda o modo como se atam os três registros, real, simbólico e imaginário (SKRIABINE, 1993).

Neste sentido, a estrutura é a grande bússola da clínica psicanalítica. Sendo esta articulada por posições, relações e propriedades resultantes destas posições e relações. Logo, estamos falando da estrutura topológica do ser. É justamente aí que a psicanálise e a topologia se tocam, e nesse contato a psicanálise ganha muito, pois a topologia enquanto estudo da estrutura mostra-se desembaraçada, desprendida de representações conceituais, tendo em vista a tendência do pensamento de dar corpo, subjetividade, a seus conceitos, como

por exemplo, ao de sujeito. A topologia não se interessa pelo objeto e sim pelas relações e trajetos que este percorre no espaço (LAFONT, 1986).

Desse modo, a topologia intervém como fundamento epistemológico dos eixos estruturalistas. Para psicanálise a topologia é o que dá conta da estrutura do ser falante, e para o psicanalista ela é lente que o permite ler a estrutura do sujeito (LAFONT, 1986).

Lafont (1986), atento à ponte entre a experiência analítica e a topologia, sugere que a relação que se expõe entre ambas pode ser entendida como "suporte intuitivo". Ou seja, a topologia serve de suporte intuitivo para a psicanálise, na medida em que a intuição concerne às qualidades da topologia que trata da apreensão global do espaço, e a psicanálise, como esclarecimento da estrutura do ser falante, põe em cena o próprio espaço no qual a topologia opera e encadeia seus fenômenos. Não se trata de uma simples metáfora. "A topologia é um domínio da ciência através do qual a ciência dá conta de seu fracasso a suturar o sujeito; é por isso que topologia e psicanálise são solidárias" (SKRIABINE, 1993:128).

A situação analítica ganhou corpo na topologia lacaniana que, dotada de uma dinâmica paradoxal, responde a necessidade decorrente de nossa debilidade perceptiva do espaço, revelando-se uma representante do irrepresentável, do estruturalmente irrepresentável.

Referências

- Granon-Lafont, J. (1986). A topologia de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Skriabine, P. (1993) "La clinique différentielle du sinthome", in Quarto-Revue de psychanalyse, n° 86, Bruxelles, ECF-ACF en Belgique, avril.

Skriabine, P. (2013) Psicoses ordinárias - Uma abordagem borromeana.

A formação analítica hoje, uma orientação ao real

Ordália Junqueira

Antes de mais nada, que haja psicanalistas.

(Lacan, 1998)

Uma invenção

Miller (2010) traz o *Sem.23* como uma homenagem de Lacan aos psicanalistas que os toma como testemunhas de sua *invenção* lembrando, porém, do risco de esquecerem coisas essenciais e iluminando a necessidade de estar sempre em pauta questões sobre a sua *formação*. Miller (2006)¹² afirmou que a prática da teoria não tem lugar entre nós, analistas, sendo a *teoria da clínica* a única coisa que nos interessa e na aula três do curso 2006/7¹³ ele traz a *experiência analítica* como processo de tratamento e processo de *formação*. O conceito de "singular" foi escolhido para tocar em um dos pontos dessa *formação do analista na Escola hoje*.

Uma dificuldade

Segundo Miller¹⁴ é difícil ser *singular*. Na *formação analítica* a pertinência do *singular* é uma questão clínica difícil, a exemplo o diagnóstico: um neurótico? Um psicótico? Diz: "[...] é difícil deslocar essa inquietação do praticante.

¹² Intervenções de Miller em *las Jornadas de Otoño de La ECF*, 2006.

¹³ MILLER, 2010, III lição.

¹⁴ MILLER, *Opção Lacaniana*, nº 55

Difícil trazer-lhe a paz que o ponto de vista do singular pode reinar [...].”¹⁵

Nos *Princípios do Ato Analítico*¹⁶ lemos que a experiência de análise tem apenas uma regularidade, a saber: a *singularidade*. O analisante em formação “tropeça” aqui, pois é difícil desvencilhar-se de tantos “ditos”. O *analista-corpo vivo* encarna hoje a inscrição passada da fala de seu analisante ao “já estava escrito aí desde sempre”: tudo que se diz encontra o “sem sentido” surgindo o novo, *singular* e solitário.

Um encontro

O Real pesado é poetizado mais leve no *encontro com o analista*. O depoimento de Honimet¹⁷ poetiza: a forma como Lacan a olhava dizia que ela teria que se haver com sua dor a vida toda e, com um gesto surpreendente em seu rosto, o sentido *pesado* de antes conseguiu ser reduzido à *leveza* do *toque em sua pele*. Ciaccia¹⁸ confessa: com uma mão ele te “estratonava” e com a outra ele te segurava.

No *encontro com o analista* o excesso de sentido se reduz. Na construção poética de Rosa (1985) aprendemos que é “Inútil fugir, inútil resistir, inútil tudo”. Lacan ilumina: “Se as análises fossem levadas a sério tanto quanto me dedico a preparar meus Seminários, isso sim seria muito melhor [...] seria necessário que tivéssemos na análise o sentimento de um risco absoluto.”¹⁹

A duras penas vale a pena, não sem um esforço de poesia!

Referências

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Publicado em LAURENT (2007).

¹⁷ No documentário: “Rendez-vous chez Lacan”.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Miller, 2010, p. 44.

Lacan, J. "Do sujeito enfim em questão", In: *Escritos*, p. 237, Zahar Ed. R.J. 1998.

Laurent, É. *A Sociedade do Sintoma a psicanálise, hoje*; C. Capa Liv. R.J. 2007.

Miller, J-A. *Perspectivas do Sem. 23 de Lacan. O Sinthoma*, Zahar Ed. R.J.2010.

_____ In: *Opção Lacaniana*, n 55.

Rosa, J. G. "Aletria e Hermenêutica". In: *Tutaméia*. 6^a ed. R.J. N. Fronteira, 1985, p.14.

Comentários sobre conferência de Carmen Covelatti "Um Real ancorado"

Iago Sampaio, Júlia Solano, Wilker França

No dia 14 de Dezembro de 2013, Carmen Covelatti veio à Bahia para participar da Jornada do Instituto de Psicanálise (IPB) que teve como tema "Clínica Lacaniana: Uma orientação ao Real". A sua conferência, intitulada "O Real Ancorado", foi inspirado pela afirmação de Lacan "Que o real esteja ancorado!" e trouxe interessantes considerações sobre a segunda clínica de Lacan, retomando algumas passagens do seminário 19.

Ela iniciou sua conferência trazendo algumas colocações sobre as dificuldades que o simbólico impõe ao falasser. A desnaturalização do homem imposta por sua entrada na linguagem impossibilita a existência da relação sexual, anulando assim a complementaridade entre os sexos. É justamente o contrário que ocorre com os animais, que movidos pelo instinto biológico, possuem um saber inscrito no organismo de modo padrão, simplesmente por pertencerem à mesma espécie, a exemplo da cópula. Nós, humanos, golpeados irreversivelmente pela linguagem no corpo, logo seres desejantes, somos desprovidos

desse "saber natural" e providos do simbólico que, junto ao imaginário, tentam dar conta do real da sexualidade que, por sua vez, é da ordem do inapreensível.

Carmem retorna à Freud quando cita o "Mal-estar na cultura", para discorrer o que ela chama de "mal-dição sobre o sexo", em outras palavras, o impasse do falasser frente a inexistência da relação sexual. Diante deste impasse, restaria elaborar ficções, ou seja, tentar dar conta do real inapreensível pela via do simbólico. Ela afirma que:

A repressão familiar é uma ficção construída, não imaginada, algo da ordem de uma necessidade lógica para que o sujeito possa se situar ao desejo do Outro, função fálica, que organiza o caos da subjetividade, por isso a necessidade de inventar as recordações da repressão familiar, para colocar um limite, uma barreira ao gozo autoerótico.

O pai, segundo Carmen, embaseada em Freud, funcionaria como uma proteção frente ao desamparo provocado por este processo. Assim, desta forma, cada estrutura responderia de uma forma específica diante do real sem lei. Cada uma munido de sua respectiva âncora frente à deriva do real.

O sintoma, segundo ela, desde Freud, é uma forma de satisfação, um modo de obter gozo, e de responder a "não-relação sexual"; porém o sintoma também se constitui num envoltório formal, apresenta-se de uma forma e possui um sentido inconsciente, por esta razão ele torna-se decifrável pela interpretação psicanalítica. Na medida em que se articula com a linguagem, ao Outro e a cultura. Nas palavras de Carmen: "Este é o fundamento que, ao aliar as dimensões do gozo, da satisfação pulsional, e do Outro da linguagem, faz do sintoma o sustentáculo do saber-fazer frente ao mal-estar da cultura e da existência de cada um no mundo." Restaria, portanto, frente a impossibilidade da relação sexual, o sintoma como solução para cada um.

Assim, é interessante refletir sobre o aspecto posto por Carmem de que, de maneira diferente dos homens do passado, na atualidade marcada pelo discurso capitalista, os sujeitos buscam obturar a castração cercando-se de objetos que teoricamente prometem a completude e instauram assim uma nova maneira de lidar com o real. O real no discurso capitalista teoricamente pode se apreendido pelas vias do imaginário e do simbólico. Os sujeitos na contemporaneidade cercam-se de todas as precauções possíveis, acreditando assim, poderem evitar o encontro com o real, que, por sua vez, é sempre da ordem do traumático. A grande questão é que algo insiste em escapar sempre.

Nessa perspectiva, o sintoma continua sendo tomado como um parceiro do sujeito em sua lida com o real impossível de suportar. Assim, cabe ao analista suportar esse impossível como eixo central para desvendar, a partir do caso a caso, a melhor maneira do sujeito fazer uso do seu sintoma, sempre singular ao seu modo de gozo.

poesia

A maior riqueza do homem é a sua incompletude

Manoel de Barros

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou - eu não aceito.
Não agüento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,

que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.

LAPSUS ONLINE

A Lapsus também pode ser lida, ampliada, consultada e compartilhada em meio virtual. Contamos com toda a nossa história, compilada em 12 edições, no site <http://institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus>.
Visitem-nos!

submissão de trabalhos

Convidamos os participantes do IPB a compartilhar com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail lapsusibp@gmail.com.

ESPECIFICAÇÕES

- O texto deverá vir com título e nome do autor em tamanho 14, fonte Cambria (títulos), devidamente corrigido e revisado.

- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte Courier New, tamanho 12 e o espaçamento antes 6pt, depois 0pt, entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela equipe Lapsus antes da publicação.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

expediente

Equipe Lapsus: Anderson Viana, Daniela Araújo, Ethel Poll, Júlia Solano, Paula Goulart, Rogério Barros e Wilker França

Consultor: Bernardino Horne

Contato: lapsusibp@gmail.com